

soalmente a possibilidade de sair de sua condição, receberão a confirmação cultural de sua ascensão individual ao preço do rompimento com os interesses de seu estrato de origem.

O ensino em nosso país se faz em três níveis não comunicantes: a escola primária, a média e a universidade, cada um completamente isolado do outro por uma série de barreiras que impedem a massa de ter acesso ao grau seguinte e que, pela sua horizontalidade, cria distorções espetaculares. Por outro lado, pela necessidade de tornar as massas permeáveis às idéias, instituiu-se um programa de alfabetização que permite a sua manipulação pelas elites no poder, mas insuficiente para que possam tomar consciência de sua realidade e, conseqüentemente, influir no processo decisório. Cria-se, assim, um novo tipo de alienação: o semi-analfabetismo, com a manutenção de uma massa semi-analfabeta que só terá condições culturais para ser objeto e matéria do desenvolvimento, sem nunca conseguir as condições para ser protagonista desse desenvolvimento. Inclua-se nessa massa de semi-analfabetos uma grande parte de jovens que desertaram de um ensino que nada fez para retê-los e que receberam uma formação totalmente inadequada, incapazes, portanto, de poder analisar e entender criticamente a linguagem esotérica das elites que decidem os rumos e as diretrizes do desenvolvimento.

Essas distorções são particularmente flagrantes ao nível universitário. Mantêm-se na escola superior, já a partir da desconexão entre o nível de formação recebida e o tipo de ocupação profissional conquistado ou oferecido. Isso se evidencia na multiplicação de cursos que não abrem perspectivas sobre qualquer emprego certo, na inflação de diplomas, certificados de cursos de extensão em uma infinidade de especializações e na sua ineficácia para obter um emprego que vai depender, essencialmente, de um pistolão ou da capacidade de fazer funcionar os mecanismos de proteção individual.

As contradições inerentes à atual estrutura universitária, entretanto, levam os estudantes, membros naturais das elites no poder e por elas preparados para a preservação do status quo, a se tornarem a origem da oposição, das tensões e das críticas ao sistema.

A primeira universidade brasileira foi criada em 1.920, com a finalidade de outorgar ao Rei da Bélgica que então visitava o Brasil pela comemoração do centenário de nossa independência, o título de "doutor honoris causa", tendo sido abandonada logo após cumprir seu objetivo. Assim, criada sob o signo do imediatismo e da improvisação, a universidade brasileira tem perpetuado, através dos vários mecanismos do conservadorismo e da alienação,